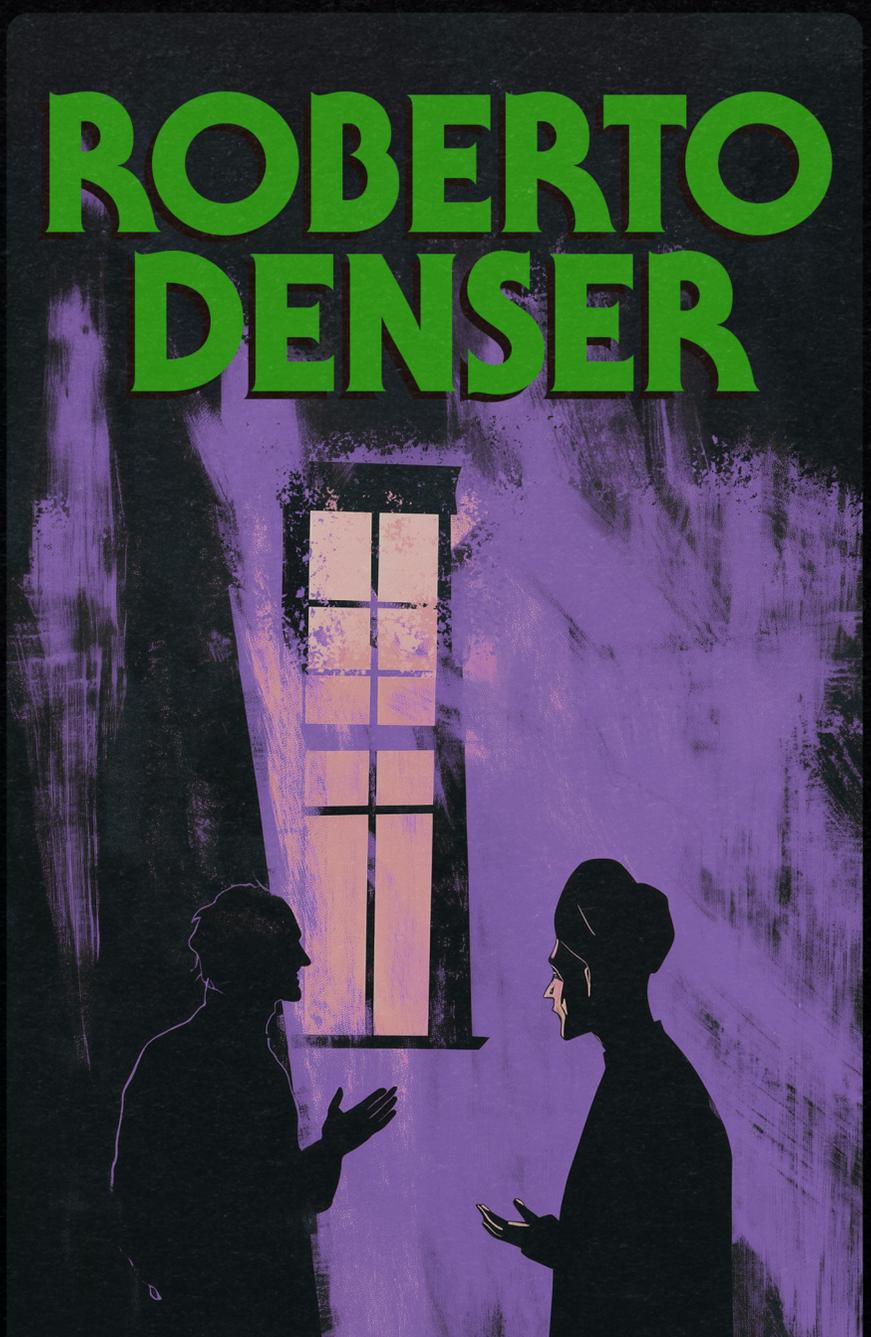


ROBERTO DENSER

EXTENDED HIGH END LOW NOISE HIGH OUTPUT

The central illustration features two men in silhouette, facing each other in conversation. They are positioned in front of a window with a grid pattern, through which a warm, orange light is visible. The background is a dark, textured purple. The entire scene is framed by a thick, rounded green border.

Um Belíssimo Filho da Puta

DARKSIDE — DRK



Contos de Natal

DARK

“Uma mixtape para desgraçar o seu Natal”

*Take my tears and that's not nearly all
Tainted love (oh-oh-oh)
Tainted love*



Um conto de Natal de
ROBERTO DENSER

um belíssimo filho da puta

“Se você quer um poltergeist dos bons”, disse Canaã, “me consiga o cadáver fresco de um belíssimo filho da puta.”

1

Canaã, naturalmente, não era o nome dele. Quer dizer, eu não tenho nenhuma prova disso, mas é óbvio que Canaã não era o nome dele. Quem batizaria um filho de Canaã? Ele provavelmente abriu a bíblia em uma página qualquer quando decidiu entrar nesse negócio e deslizou os dedos pelas páginas sedosas do Velho Testamento à procura de algo maneiro o suficiente. Tenho certeza de que estabeleceu critérios como “tem que parecer um nome antigo, ancestral, e que imponha respeito, cause estranhamento”. E então lá estava: Canaã, um turbante vermelho esquisito, uma fantasia meio de mago na cor e meio de mestre Zen no corte. Na sala onde recebia as visitas, ou melhor, os *clientes*, uma

decoreção espalhafatosa que fazia inveja ao Willy Wonka. Só que em vez dos doces esquisitos, coisas esquisitas. Nas prateleiras havia estatuetas de demônios, anjos, criaturas que eu era incapaz de reconhecer. Além disso, garrafas com líquidos coloridos, alguns soltando fumaça, outras com algum bicho morto no interior; uma etiqueta escrita à mão com a palavra POÇÕES colada na prateleira; e uma porta ao fundo com uma placa que dizia PROIBIDA A ENTRADA e, em letras menores, EXCETO DE CANAÃ. Em resumo, era um lugar absolutamente ridículo que mais parecia uma caricatura de mau gosto de um cenário de filme b, embora parecesse se esforçar para ser levado a sério.

“O cadáver fresco de um belíssimo filho da puta”, repeti, tentando entender o que exatamente ele queria dizer com aquilo.

“Isso. Não é tão difícil quanto parece”, disse Canaã, movendo seus dedos cheios de anéis. “O mundo está cheio de filhos da puta, é só esperar algum deles morrer e me trazer o cadáver.”

Fiz que sim com a cabeça.

“Traga o cadáver e eu lhe preparo o poltergeist. Só tome cuidado com a polícia. Eu não quero a polícia se metendo no meu negócio.”

“Não tem outra forma?”, perguntei, quase mudando de ideia acerca do meu pedido.

Canaã virou a ampulheta sobre sua mesa, como se dissesse “seu tempo acabou”, apoiou-se na cadeira e falou:

“Sim, existem milhares de formas de fazer um poltergeist, mas nenhuma é tão boa quanto usando o cadáver de um grandessíssimo filho da puta. Vou explicar uma coisa a você, veja bem: um poltergeist *qualquer* pode ser exorcizado por *qualquer* bosta. É muito fácil: chame uma velha rezadeira em qualquer esquina e pum, adeus poltergeist. Um padre e pum, adeus poltergeist. Com o cadáver de um bom filho da puta, eles vão destruir o lugar, jogar sal em cima e deixá-lo estéril por mil anos e ainda assim, AINDA ASSIM, veja bem, eles não resolverão porra nenhuma. Traga-me o cadáver. E o dinheiro, claro. Cem mil reais. Cinquenta quando trouxer o cadáver, cinquenta assim que o poltergeist estiver fazendo o trabalho”.

Cem mil reais, repeti mentalmente. Era muito dinheiro.

Quando saí da minha consulta com Canaã, só pensava em como faria para conseguir o cadáver de um belíssimo filho da puta. O dinheiro não seria o maior dos problemas. Com o que eu havia conseguido com a venda do apartamento, teria dinheiro para pagar Canaã e ainda sobraría o suficiente para seguir com a minha vida, sem grandes prejuízos. O motivo, no final das contas, era nobre, entenda você: eu precisava me vingar. A vingança é um motivo nobre, certo? Se você acha que não, é porque ainda não conhece minha história nem passou por nada parecido. Mas tudo bem, eu vou contar.

Eu era noivo de uma garota, não uma garota qualquer, mas A Garota. Ela havia sido campeã do concurso de miss do meu bairro, era católica, de boa família, e planejava casar virgem. Fisicamente, ela parecia uma versão loira da Sandy quando ela tava no auge, e era comum que as pessoas que a viam pela primeira vez a comparassem a anjos e outras entidades celestiais. O adjetivo mais usado quando queriam elogiá-la era “meiga”, e quando queriam depreciá-la era “santinha”. Era o sonho de todos os caras do meu bairro, entende? E, de alguma forma que até hoje não ficou muito clara, fui eu quem conseguiu namorar com ela por anos a fio. Eu também era católico, era virgem e tinha um ótimo emprego como funcionário público concursado do Tribunal de Justiça. Um partidão, diziam, não porque eu fosse bonito, mas porque era certinho, religioso e tinha um emprego que pagava bem e do qual não poderia ser demitido por qualquer bobagem.

Começamos a namorar e éramos frequentemente mencionados pela Associação das Mulheres de Fé, um grupo de mulheres católicas já vividas que tinham como objetivo educar as jovens católicas a serem futuras boas mães, boas donas de casa e boas esposas para seus maridos, como o exemplo perfeito de como um casal deveria se comportar na fase pré-nupcial. E era assim que namorávamos: andávamos de mãos dadas, dávamos beijos respeitosos (breves e sem volúpia), e acariciávamos apenas as partes não erógenas de nossos corpos, como o ombro e o topo da cabeça, por exemplo. Também frequentávamos a missa e as atividades da igreja juntos, promovendo integração entre os jovens e ações de caridade para a comunidade. Depois de alguns anos de namoro, noivamos e nos preparamos para casar no semestre seguinte, na véspera de Natal. Eu já

tinha juntado dinheiro suficiente e comprado o nosso apartamento em segredo — eu queria fazer uma surpresa, o imóvel seria o seu presente de casamento —, e ela havia passado para a faculdade de História, que começaria no início do próximo semestre. A princípio eu não achei uma boa ideia que ela fizesse faculdade, mas ela me convenceu alegando que o curso a tornaria uma mulher mais culta e gabaritada, ou seja, uma esposa melhor, afinal, segundo ela, eu não iria querer estar casado com uma mulher que não era nada além de uma mãe e dona de casa. Eu disse que não me importava, que até preferia isso, mas como minha confiança nela era incondicional, assim como meu amor, aceitei que ela fizesse a sua faculdade sem maiores questionamentos. Aquele foi o início da minha desgraça.

O caso é que aconteceu alguma coisa na faculdade e foi como se tivessem tirado o cérebro dela e colocado outro no lugar. Ela mudou de personalidade, passou a gostar de coisas das quais nunca havia gostado, como música profana e cheia de percussões, e em certa ocasião até pegou no meu pinto. Foi por cima da calça, claro, mas eu achei aquilo tão absurdo que não soube como reagir e acabamos discutindo. Ela me pediu desculpas, disse que achava que estava tudo bem, já que iríamos nos casar dentro de alguns meses, e que aquilo não voltaria a se repetir até a nossa noite de núpcias. A seguir, nos ajoelhamos e pedimos perdão a Deus, e depois fomos nos confessar na igreja. Por alguns dias tudo voltou a ficar bem. Eu me atolava de trabalho, fazia cálculos planejando nossas finanças, planejava o futuro. Ela, por outro lado, continuava mudando sem que eu percebesse até onde aquela mudança chegaria. Eram diferenças sutis que eu buscava ignorar, achando que era paranoia da minha cabeça. Se tivesse dado mais importância a elas, talvez não tivesse chegado ao ponto em que ela me chamou para conversar na casa dela e disse:

“Eu não te amo mais. Não quero mais casar com você. Vamos terminar. Sinto muito”.

Cada frase foi como um tiro em meu coração, e eu fiquei tão sem reação que olhei para os lados procurando palhaços com cornetas soltando confete, nossos amigos e conhecidos surgindo do meio do nada gargalhando e o Sérgio Malandro com um microfone, o boné virado para trás, gritando gluglu-ié-ié e dizendo que tudo aquilo era uma pegadinha.

“O quê?”, perguntei.

“Isso mesmo que você ouviu”, disse ela. “Eu ainda sou muito nova para casar. Estou amando a minha faculdade, quero seguir carreira acadêmica, ter uma vida só minha, sem depender de ninguém.”

“Mas... mas...”

“Vá embora, por favor. Amanhã vou pedir pro meu pai deixar suas coisas que estão aqui lá na sua casa. E não me procure mais. Sério. Por favor.”

Ela não esperou para ouvir o que eu tinha a dizer. Apenas apontou para o portão que dava para rua, entrou em casa, e eu pude ver quando deu um beijo na testa do pai, desejando boa noite. Ainda sem saber o que pensar ou o que fazer, fui para casa chorando, entrei sem falar com ninguém e passei a noite encolhido em minha cama sem conseguir dormir. Em vez disso, chorava, buscava entender o que havia acontecido, amaldiçoava aquela faculdade.

Se você já passou por algo parecido, talvez saiba como me senti. Caso não saiba, eu passei por todas as fases: primeiro a procurei tentando convencê-la a mudar de ideia, chorei diante de sua indiferença, me ajoelhei pedindo perdão por qualquer coisa que eventualmente tivesse feito. Como nada disso funcionou, mandei um entregador com flores e chocolate na faculdade, enviei cartas, falei com sua mãe — “Por favor, faça ela mudar de ideia! Eu a amo!” —, fiquei tentando encontrá-la em lugares aleatórios. Nada adiantou. Ela parecia se importar apenas com a faculdade, nem ia mais à igreja, onde todos me olhavam com pena e desprezo. Com o tempo, eu mesmo comecei a me sentir mal na igreja, não apenas por causa dos olhares, mas porque tudo lá me lembrava ela; acabei deixando de frequentá-la. Foi um período difícil para mim. Às vezes eu pensava em me matar, depois mudava de ideia; às vezes pensava em queimar o apartamento, largar tudo, fugir do planeta Terra. O pior é que *o pior* estava apenas começando.

Meses depois, eu ainda sonhava com ela, eu ainda chorava por causa de seu abandono e indiferença, mas finalmente começava a perceber que a intensidade e a frequência das crises diminuía. No dia que estava marcado para ser o nosso casamento — uma véspera de Natal! —, algo

em minha cabeça virou ou mudou de lugar e eu decidi simplesmente que seguiria com a minha vida. Fiz resoluções de ano novo: iria malhar, emagrecer, vender o apartamento, economizar, fazer uma especialização, um implante, uma viagem internacional. Ela veria que eu estava bem, que eu estava feliz e vivendo a minha vida, ela não era mais necessária.

Em março do ano seguinte, eu já estava malhando há alguns meses. Ia para a academia todas as manhãs, corria 10 km, havia emagrecido e sentia a massa muscular e as definições do meu corpo aumentando dia a dia. Além disso, eu havia marcado um implante capilar para consertar minhas entradas e tinha passagens compradas para Paris para o final do ano. Eu me sentia incrível.

Um dia, quando estava correndo no calçadão da praia, com fones de ouvido no volume máximo e imerso em pensamentos aleatórios, vi com perplexidade ela vindo na minha direção. Estava acompanhada por um cara e eu confesso que em um primeiro momento eu não a reconheci — assim como ela também não me reconheceu —, principalmente porque ela já não parecia mais a mesma pessoa: havia pintado o cabelo de preto, tinha colocado piercings e feito tatuagens e, o que era o pior de tudo, estava grávida. Ao lado dela, de mãos dadas, caminhava um sujeito com cara de hippie, um cabeludo amarelo cheio de dreadlocks e sandálias de couro. Eu achei que tinha finalmente enlouquecido e que aquela cena era apenas uma alucinação.

Sem conseguir me conter, corri mais alguns metros, dei a volta pelo outro lado e voltei, para poder ficar de frente para eles novamente, olhar com mais atenção. Dessa vez, foi ela quem me reconheceu, abrindo um sorriso surpreso e falando “EEEEEI, E AÍ, CARA, VOCÊ MUDOU BASTANTE”.

Eeeei, e aí, cara, você mudou bastante.

Eeeei, e aí, cara, você mudou bastante.

Eeeei, e aí, cara, você mudou bastante.

Aquela frase ecoou em minha cabeça enquanto eu apertava sua mão. A sensação era de que eu cumprimentava não a mulher com a qual sonhara compartilhar o resto da minha vida, mas um antigo parceiro com

quem havia disputado o campeonato municipal de sinuca de 1993. Com todo o meu corpo em uma espécie de torpor, cumprimentei automaticamente o sujeito ao seu lado.

“Esse é o Sérgio”, disse ela. “Sérgio é professor de História Política lá da Federal.”

“E aí, cara”, disse Sérgio, me estendendo a mão e fazendo um movimento que não consegui acompanhar e que terminava com um soquinho, que retribuí ainda entorpecido.

Ela abriu um sorriso, me cumprimentou do mesmo jeito, balançando a cabeça, e disse:

“E aí, ainda na igreja?”

“Não”, falei. “Só curtindo a vida.”

Me amaldiçoei tão logo terminei aquela frase. Eu me sentia ridículo.

“Curtindo a vida, né? Isso aí! Prazer te ver”, disse ela, aproximando-se para me dar um beijo no rosto, momento no qual senti que ela cheirava a cigarro e alguma outra coisa que não consegui identificar.

“Igual”, respondi. “E o bebê, é pra quando?”, perguntei, olhando para o Sérgio.

“Julho”, disse Sérgio.

Eu olhava de um para o outro com tanta perplexidade que não sabia sequer o que dizer. Foi ela quem quebrou o gelo:

“Bom, vamos indo nessa. Prazer te ver, cara. Curtindo a vida, hein? Isso aí!”

Sérgio estendeu a mão mais uma vez e disse amigavelmente:

“Valeu, maluco”.

“Valeu”, respondi, voltando a correr em uma espécie de transe, com *Lay all your love on me* ecoando nos ouvidos, e lágrimas descendo pelo meu rosto.

Nos dias seguintes, descobri o máximo que consegui sobre sua nova vida: basicamente, ela estava grávida do Sérgio e eles estavam morando juntos em um apartamento do bairro universitário. Além disso, ela havia entrado para um grupo de maracatu ou algo que o valha, e se reunia todos os finais de semana no centro histórico da cidade para bater tambor e fazer passinhos coreografados ao som de Nação Zumbi.

Não sei qual deveria ter sido minha reação, mas o caso é que reagi mal. Ódio, muito ódio. Tinha vontade de arrancar a cabeça dela e do Sérgio e enfiá-las no cu um do outro, mas como eu não era um criminoso e nem estava disposto a me tornar um, comecei a procurar formas não criminosas de me vingar, formas de *prejudicá-los*. E foi assim que encontrei Canaã.

Um panfleto colado no interior de um velho orelhão, como se ainda estivéssemos no início do século, dizia:

CANAÃ
UM MAGO DE VERDADE
RESOLVEDOR E CRIADOR DE VÁRIOS PROBLEMAS
Marque uma consulta sem compromisso!

Não havia um endereço, mas um QR code que abria um número de telefone. A princípio relutante, acabei ligando e uma voz feminina entediada me passou o endereço. Era no bairro mais sujo e periférico da cidade, uma pocilga a céu aberto onde até a polícia tinha medo de entrar.

“O que ele faz?”, perguntei à atendente.

“Qualquer coisa”, respondeu ela.

“Qualquer coisa?”

“É, qualquer coisa.”

“Como assim qualquer coisa? Ele voa?”

Senti quando ela respirou fundo do outro lado da linha.

“Qualquer coisa que não contrarie as leis da natureza. O que você quer?”

“Eu quero me vingar de uma pessoa.”

“Isso ele faz quase todo dia.”

“É coisa certa?”

“Cem por cento certa ou ele devolve seu dinheiro. Canaã é um Mago de Verdade, um Resolvedor e Criador de Vários Problemas”, disse ela.

“Eu vi no cartaz.”

“Ele só aceita metade do dinheiro na entrada. A outra metade é só depois do resultado. É coisa certa.”

Pensei a respeito, lembrando tudo o que eu sabia — pouco — sobre magia obscura. Por fim, disse:

“Quero marcar uma consulta”.

E isso nos leva de volta ao início da história: eu havia consultado o tal Canaã, explicara a situação.

“Você quer matar ela?”

“Não. Quero que ela sofra.”

“E ele, quer matar?”

“Não, não. Eu quero que ELA sofra. Entendeu? Eu quero que a vida DELA vire um verdadeiro inferno até o fim dos seus dias. Eu quero que ela se arrependa até o dia da sua morte por ter acabado comigo, por ter me trocado por... Sérgio.”

Canaã tamborilou os dedos cheios de anéis sobre a mesa.

“Que tal uma doença autoimune?”

Aquela sim era uma boa ideia, mas por via das dúvidas eu disse:

“Tem algo pior?”.

“Sempre tem algo pior.”

“O que, por exemplo?”

Ele olhou em volta entediado:

“Uma maldição, um filho doente, um poltergeist, uma —”.

“Opa, como é que é? Um poltergeist?”

Eu sabia o que aquilo significava porque certa vez estávamos conversando e ela me perguntou qual era o meu maior medo. Ao me ouvir responder que tinha medo de perdê-la, ela me chamou de fofo e disse:

Falando sério, seu bobo. Sabe qual é o meu? Um poltergeist.

O que é um poltergeist?

É um fantasma malévolo que vai assombrar sua vida até destruí-la por completo.

Eu sabia do seu medo de filmes de terror — só assistíamos comédias românticas —, e respondi que não acreditava nessas coisas e que, mesmo se elas existissem, fantasmas malévolos não assombravam pessoas de fé.

Canaã olhou impaciente para a ampulheta e explicou que um bom poltergeist era caro e que era impossível ser desfeito, mas também era ótimo para quem queria se vingar de uma pessoa naqueles termos que eu havia estabelecido. Um poltergeist, dizia ele, concluindo, vai infernizar

a vida dela para sempre, até que ela morra e, caso ela cometa suicídio, até mesmo depois disso, mas: “Se você quer um poltergeist dos bons, me consiga o cadáver fresco de um belíssimo filho da puta”.

2

Agora eu estava em casa, na frente do notebook, lendo o portal de notícias do meu bairro e procurando filhos da puta mortos. Um traficante havia morrido em uma troca de tiros com a polícia, um viciado em um acerto de contas, um motoboy após ter reagido a um assalto. Talvez fossem filhos da puta, talvez não, mas acabei resolvendo esperar porque não tinha certeza de que eram filhos da puta o bastante.

Nos dias seguintes, segui com minha rotina — corrida, academia, trabalho, especialização, leitura da página policial —, até que um dia dei de cara com uma notícia espalhada por todos os portais e eu tive certeza que aquele sim era um belíssimo de um filho da puta, como diria Canaã.

O caso é que um sujeito chamado Jorge havia degolado os filhos e a esposa e depois espetado suas cabeças em estacas fixadas no muro de sua residência. A seguir, ficou sentado em uma cadeira de praia na frente da casa, vestindo apenas um short com estampas de abacaxi e segurando uma espingarda, com a qual impedia qualquer um de se aproximar. Os vizinhos chamaram a polícia, claro, e Jorge acabou morrendo em uma troca de tiros. Era o filho da puta perfeito.

Encontrei o meu poltergeist!, pensei, animado.

Tive mesmo que esperar alguns dias porque, como o caso acabou gerando grande comoção no meu bairro, o Jorge foi enterrado sem que ninguém aparecesse para lamentar o corpo, mas muitos apareceram para tentar violá-lo. Pessoas revoltadas queriam esquartejá-lo, tacar fogo nele, e a polícia chegou ao cúmulo de ter que proteger um morto filho da puta para evitar o caos social. Acompanhei tudo com atenção. Quando os ânimos arrefeceram, após uma semana, fui até o cemitério de madrugada, onde procurei a parte mais vulnerável do muro e atirei uma pá do outro lado. A minha lógica era simples: voltaria lá no

dia seguinte; se houvessem encontrado a pá, pensariam que era do cemitério e no máximo a mudariam de lugar, guardando-a; se não a encontrassem, ela ainda estaria lá, em um canto do muro. Eu voltaria na madrugada seguinte para pegar o cadáver de Jorge.

Na manhã seguinte, liguei para Canaã e disse que havia encontrado meu filho da puta, mas pegaria o seu corpo apenas de madrugada e seguiria direto para encontrá-lo. Ele disse que eu tomasse cuidado ao entrar no bairro, que entrasse com o pisca-alerta ligado e os vidros abaixados, e que, quando me parassem e perguntassem o que eu queria, dissesse apenas que estava indo me encontrar com Canaã.

“Assim você não terá problemas”, disse ele. “Estarei esperando.”

À noite, me vesti de preto para ficar mais difícil do coveiro-vigia me enxergar, pulei o muro do cemitério e procurei a pá. Ela estava no mesmo local onde eu a havia jogado. O túmulo de Jorge também não foi muito difícil de encontrar porque era um cemitério pequeno, de bairro, e estava sendo expandido, de modo que os mortos recentes estavam sendo enterrados em uma mesma área, mais afastada do setor com os túmulos grandes e bonitos. O de Jorge não passava de uma cova de areia com uma cruz pintada de azul, seu nome e as datas de nascimento e morte pintados de branco. Embora estivesse ali há pouco tempo, a cruz já estava inclinada, talvez porque a tivessem fixado com má vontade.

É difícil cavar um buraco quando você não tem prática. Eu não tinha. Mais difícil ainda é desenterrar um corpo. Muito difícil. E desde o momento em que decidi que Jorge seria meu poltergeist, aquele foi o primeiro momento no qual pensei em desistir. Olhei em volta procurando o coveiro e vi, lá ao fundo, uma luz acesa na cabine próxima do portão de entrada. Ele provavelmente assistia algo na TV, cochilava ou mexia no celular. Ele não conseguiria me enxergar a não ser que saísse da cabine e chegasse muito perto, e essa era a minha maior vantagem sobre ele: eu *sempre* o veria primeiro. Comecei a cavar, tentando não fazer tanto barulho, e estava mais ou menos na metade quando uma voz grave disse, quase às minhas costas:

“QUE PORRA VOCÊ PENSA QUE TÁ FAZENDO?”.

Congelei no mesmo instante.

“LARGA ESSA PORRA DE PÁ AGORA!”

Tremendo, larguei a pá e me virei para olhar de onde vinha a voz. Um homem, vestindo apenas um short com estampa de abacaxi, estava sentado no túmulo ao lado. Ele usava um bigode e fumava um cigarro. O topo da sua cabeça estava aberto; era uma massa molhada e disforme de cabelos, fragmentos de ossos e sangue coagulado. Sempre que ele tragava, filetes de fumaça saíam de dentro dela. Eu o reconheci pelas fotos.

“Que porra você acha que tá fazendo?”, ele voltou a perguntar. “Você é um tarado, não é? Quer comer o cu do morto, não é? Eu sei que quer, seu tarado filho da puta.”

Paralisado diante do absurdo da situação, pensei que talvez tivesse enlouquecido, que talvez estivesse tendo uma alucinação.

“Eu... eu ...”

“Eu-eu o caralho, seu filho da puta! Fora daqui! Vaza daqui, porra!”

Olhei em volta e vi uma multidão em pé, me encarando. Havia mulheres, crianças, outros homens. Todos olhavam a cena com curiosidade, parados, em silêncio. Estavam sujos de areia, alguns de sangue também. Pareciam com algo que simplesmente não deveria estar ali.

Caí de joelhos e comecei a chorar, pedindo perdão pelo que estava fazendo, dizendo que não iria mais continuar com aquilo, que só queria voltar pra casa e seguir com minha vida. Estava começando a rezar o Pai Nosso quando uma voz gritou às minhas costas:

“Ei, você aí! Parado!”.

Ao abrir os olhos, vi o coveiro correndo em minha direção em companhia de outro homem. Talvez um guarda municipal, a julgar pelo porte. Tentei me levantar para correr, mas minhas pernas fraquejaram e não consegui dar um passo sequer. Os homens se aproximaram e aquele que eu julgava ser um guarda-civil se revelou um PM à paisana.

“No chão! No chão!”, gritou ele.

Ainda chorando, deitei no chão e esperei que ele me algemasse.

“Se fodeu, taradão”, disse Jorge diante de mim. Ele se agachou bem à minha frente e tudo o que pude enxergar além de suas pernas foi o seu short com estampa de abacaxi. “Espero que comam muito o seu rabo violador de túmulos na cadeia, seu filho da puta.”

O coveiro e o policial à paisana me davam tapas no pé do ouvido, um deles falava para o outro chamar uma viatura.

“E quer saber mais?”, dizia Jorge. “Eu não vou perder isso por nada.”

ROBERTO DENSER é escritor, roteirista e tradutor, nascido na Paraíba em 1985. Dono de um espírito inquieto, formou-se em Direito, mas já trabalhou como açougueiro, vendedor ambulante de sandálias magnéticas, professor substituto e livreiro. Desde a infância, Denser se dedica à prática incessante de leitura e ao aprimoramento de sua escrita. Na vida adulta, desenvolveu um estilo narrativo extremamente pungente e impiedoso e costuma digitar seus textos em máquinas de escrever, assim como seus maiores mestres. Denser é autor de contos, livros e roteiros e ministra aulas de escrita criativa. Atualmente, reside no Rio de Janeiro com sua família.

Contos de Natal

DARK

“Uma mixtape para desgraçar o seu Natal”

mixtape completa



DARKSIDEBOOKS.COM